



Eu nasci em Mogi Mirim e a minha família por parte de pai e de mãe era humilde, foram muitas dificuldades que eles tiveram. Lá na infância eu era uma criança com muita asma

ENTREVISTA

# Elaine assume HC para inspirar outras mulheres

Conheça a trajetória da primeira mulher a comandar o HC da Unicamp

**Em relação a isso, o HC participa do programa Mutirão de Cirurgias com uma equipe itinerante. Como surgiu a ideia?**

Eu e Fernanda estávamos conversando, temos uma parceria boa, ela é bem animada. O pessoal nos vê juntas e acha que somos amigas, irmãs, que somos parecidas. Eu falei para ela que a gente não conseguia fazer muitas cirurgias de colecistectomia, de hérnias. Não dava para fazer muita coisa, porque algumas cirurgias você precisa internar. Se faz de manhã, até consegue dar alta no mesmo dia. Quando opera à tarde tem que guardar leito. E dentro de um hospital terciário, não temos como internar dez pacientes para fazer um mutirão. E aí falei que esse tipo de cirurgia não dava, mas poderíamos fazer um mutirão fora do HC. Há uma demanda dos nossos residentes que não operaram muito durante a pandemia, então pensei, junto com a FCM da Unicamp, de oferecer algo que não é obrigatório, mas que o residente, se quiser, pode nos ajudar a fazer cirurgias. E todos os residentes do primeiro ano (R1) e do segundo (R2) se interessaram.

**O que já foi realizado pela equipe itinerante?**

Primeiro fizemos uma pré-avaliação dos pacientes de cidades que possuem hospital, mas não equipe, como Pedreira, Arthur Nogueira, Holambra, Santo Antônio de Posse e Atibaia. Fizemos um mutirão para ver o que era e o que não era cirúrgico. De mais de 200 pacientes selecionamos 150 de vesícula e hérnia. Vimos todo o pré-operatório, solicitamos o que precisava de avaliação cardiológica, a maioria não precisou. E a gente começou a ir para lá fazer essas cirurgias.

**Os procedimentos começaram então?**

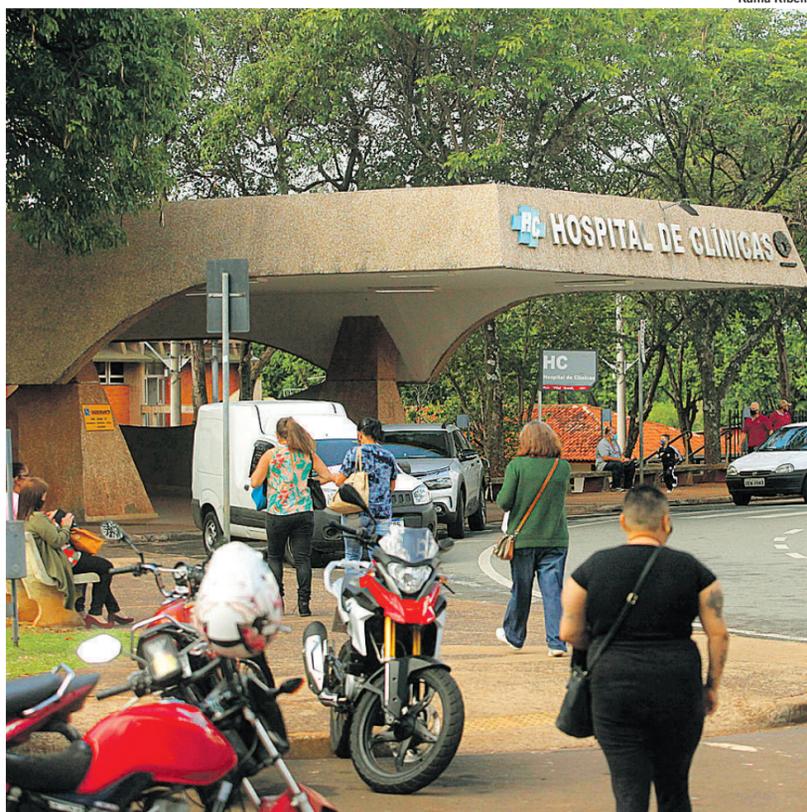
Já começaram. Era para termos ido duas vezes, mas conseguimos ir uma porque houve a demanda de atender os pacientes no mutirão de colecistectomia para tentar zerar a fila na região. Ou pelo menos visualizar o que é cirúrgico ou não. Foram 1,7 mil pacientes que vieram e agendamos 824 procedimentos de colecistectomia. São 2,7 mil pessoas, a gente chamou as primeiras 2 mil e vieram esse tanto e agora temos mais 700 para chamar e ver quem vai vir. A gente monta o esquema para 700, assim como no sábado (3 de setembro) armamos o esquema para receber 2 mil pessoas. E eu fiquei feliz porque fiz um convite para que as pessoas viessem ajudar e ninguém perguntou se iam pagar a mais, se teria plantão, hora extra. Eu que falava, a pessoa não perguntava. E durante o dia muitos pacientes vieram sem exames. Eu falei que poderiam vir e eles precisavam realmente dos exames. As quatro pessoas que eu tinha deixado pra colher os exames e enviar para o laboratório não foram suficientes. Precisamos chamar mais quatro. Abrimos o prédio que colhe o exame na hora, as pessoas vieram de casa na hora. Raio-X a mesma coisa, os funcionários foram vindo durante o sábado, alguns mesmo sem estarem de sobreaviso. Todas vieram felizes, falaram que adoraram a participação.

**O Mutirão deve seguir até o final do ano? O HC participará com outras ações?**

Estamos tratando com o DRS e a Secretaria de Estado da Saúde para montarmos um programa de mutirões cirúrgicos, mas temos que fazer dentro da realidade. A gente tem capacidade de fazer 400 colecistectomias. Vamos tentar também fazer mutirão de urolitíase. Temos 150 pacientes na nossa lista interna e a gente se dispôs a avaliar também as urolitíases da região, que tem por volta de 1,7 mil pacientes aguardando para ver se realmente é cirúrgico, se não é, igual a colecistectomia. O pessoal da Urologia topou fazer e o nosso próximo mutirão vai ser da parte de urolitíase. Tudo dentro do programa Mutirão de Cirurgias, com base nos 54 procedimentos que fazem parte dele.



A médica Elaine Cristina de Ataíde, superintendente do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, visita a sede do Correio Popular



Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp: nova superintendente planeja capacitar as cidades da região para enviar somente os casos mais complexos a Campinas

**A senhora ficará quatro anos à frente da superintendência. O que dá para ser feito? Há um plano para ampliar os atendimentos regionais e a interação com outras unidades?**

A ideia não nasceu aqui, outros locais já fizeram. A gente quer tentar fazer essa intercomunicação com as cidades da região para capacitá-las a enviar para o HC apenas aquilo que realmente for competência terciária ou quaternária. A nossa realidade hoje é a seguinte. O paciente sai, por exemplo, de Arthur Nogueira com pneumonia e chega dessaturando. Ele interna no HC, mas é uma pneumonia que poderia ter sido vista lá. Tem pacientes

de cirurgias ortopédicas de baixa complexidade, pacientes que vieram com uma falange quebrada. Outro paciente que está com fratura às vezes não era nem para ter vindo. Em um segundo momento os médicos das cidades vão começar a se sentir mais capazes de tratar esses casos e só encaminhar o que for realmente necessário. A gente está tentando ver uma parceria junto a Central de Regulação de Ofertas de Serviços de Saúde (CROSS) de deixar um braço dela dentro do HC para fazermos um matriciamento, onde deixamos um médico regulador 24h por dia para fazer essa análise e a gente vai ajustando.

**Um desejo de toda a região de Campinas é a construção de um Hospital Metropolitano, que inclusive seria feito em uma área grande da Fazenda Argentina. Como está o projeto?**

A demanda da construção dele inicialmente se deve à nossa capacidade instalada aqui na região de Campinas, que é menor que a de outras DRS. Hospitais como o de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto tem 800, 1 mil leitos. Nós temos 400. O governador disse quando veio aqui e foi questionado que a questão de se fazer isso passa por vários passos. Um deles é o DRS validar a necessidade de uma capacidade instalada maior na região de Campinas. Ter um hospital a mais será benéfico para toda a região. Estamos esperando esse estudo para poder bater o martelo e iniciar o projeto de maneira mais concreta. Se formos ver, retrospectivamente, o nosso hospital deveria ter crescido ao longo dos anos como outros acabaram crescendo, mas estamos com o mesmo hospital que tínhamos há 36 anos e com um aumento da população que hoje é de quase 6 milhões de pacientes. Então, para nossa missão, que é de serviço terciário e quaternário, ter mais 400 leitos de complexidade menor vai ajudar que nós consigamos fazer aqui dentro do HC o que realmente nos concerne. Acredito que o processo ainda demore um pouco mais, tem todos os trâmites burocráticos para isso. Eu acredito que vai acontecer, mas ainda não tem prazo definido.

**E o papel do HC nisso?**

A nossa ideia é que a gente também administre o hospital, que possa enviar residentes, alunos. Temos ideias de compor sim, mas realmente tem que passar por todas as instâncias e ver a aprovação da ideia. Pode ser que lá fique os casos mais leves ou a gente pode designar as urgências e emergências para lá, que é perto da Rodovia Adhemar de Barros, acesso mais fácil também à Bandeirantes e Anhanguera. A expectativa é que urgência e emergência fiquem lá e terciários e quaternários aqui conosco. Também casos ambulatoriais, mais complexos, que precisem de uma cirurgia maior. Aqui temos uma UTI mais específica para cada caso, então os mais complexos ficariam aqui conosco.

**Ao olhar para trás, para as dificuldades, a senhora está feliz e satisfeita com os resultados que está conseguindo?**

O que fico mais feliz é ver que posso ajudar de alguma forma. Foi por isso que aceitei. A vida do transplantador de fígado é muito puxada. Como a equipe é reduzida, você fica de plantão praticamente sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia. Então assumir essa posição foi principalmente pelo que a pandemia mostrou de fragilidades, de ter aumentado as dificuldades. E eu ver que sou a mais nova que já ocupou esse posto, estou com a cabeça um pouquinho mais aberta para algumas realidades. Eu via a oportunidade de poder melhorar a situação do hospital como um todo. Então fico muito feliz nesse sentido.

**Para finalizar a entrevista, gostaríamos de saber o que a senhora faz para relaxar após o trabalho. Quais são seus hobbies?**

Eu tenho dez cachorros. Então tá respondido [RISOS]. Eu chego em casa, ando com metade, tenho uma pessoa que anda com a outra metade. Alimento os cachorros. Chego e cuido deles, basicamente. Eu sou solteira, não tenho filho, então tenho esses cachorros que eu trato como se fossem filhos. Todo dia vou lá, dou uma examinada, vejo se alguém está com algum probleminha. Não consigo ver cachorro abandonado que eu pego. Eu gosto também de assistir televisão e de ler, mas nada a ver com medicina. Os artigos eu leio durante o dia e à noite gosto muito de ficção.



Durante a pandemia da covid-19, o Hospital de Clínicas da Unicamp enfrentou momentos dramáticos com a lotação dos leitos de enfermaria e de UTI